

Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

**PREDITORES DO (DES)AJUSTAMENTO PSICOLÓGICO EM CRIANÇAS
ADOTADAS: EXPERIÊNCIAS DE ADOÇÃO E AUTOPERCEÇÃO DE
HABILIDADES SOCIAIS**

Sofia Manuela Bessa da Silva Costa

Outubro 2016

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade
do Porto, orientada pela Professora Doutora *Maria Adelina Barbosa
Ducharne* (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspetivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade intelectual.

O presente estudo insere-se num projeto de doutoramento em Psicologia – “Preditores individuais, familiares e extrafamiliares da competência social em crianças adotadas” – conduzido pela doutoranda Joana Lara Ferreira Soares na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP), sob a orientação da Professora Doutora Maria Adelina Barbosa Ducharne e coorientação do Professor Doutor Jesús Palacios (Universidade de Sevilha). Este projeto de investigação foi financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) através da bolsa de doutoramento SFRH/BD/77316/2011 e recebeu a aprovação da Comissão de Ética da FPCEUP e da Comissão Nacional de Proteção de Dados (autorização 3912/2013). Com o objetivo de viabilizar a concretização deste projeto de investigação foi também estabelecido um protocolo de colaboração específico entre o Instituto de Segurança Social, Instituto Público (ISS, IP) e a FPCEUP (assinado a 16/09/2013).

Este projeto de investigação é desenvolvido no Grupo de Investigação e Intervenção em Acolhimento e Adoção (GIIAA), do qual faço parte desde maio de 2014 e onde iniciei o meu percurso enquanto investigadora. Declaro que participei ativamente na recolha de dados do projeto referido, tendo nele desenhado e desenvolvido o estudo que constitui esta dissertação.

Para facilitar a difusão dos resultados do presente estudo, esta dissertação apresenta-se sob o formato de artigo científico, tendo em vista a submissão a publicação numa revista científica especializada da área e indexada às principais bases de dados.

É com um enorme orgulho que, com o término desta dissertação de mestrado, finalizo o meu percurso académico. No entanto, não o poderia fazer sem antes deixar o meu profundo e sincero agradecimento a todos aqueles que ao longo desta jornada foram caminhando ao meu lado, tornando este percurso mais rico.

À Professora Doutora Maria Adelina Barbosa Ducharne pela oportunidade de integração no Grupo de Investigação e Intervenção em Acolhimento e Adoção (GIIAA), onde ao longo dos últimos três anos fui absorvendo experiências e aprendizagens que me permitiram desenvolver o presente estudo sob a sua sábia orientação. Obrigada por todos os momentos de partilha, pelo apoio, pelo olhar confiante, pela constante compreensão e por todas as palavras de ânimo em momentos de maior exigência.

A todas as famílias, mães, pais e crianças pelo modo como nos acolheram em suas casas e se disponibilizaram para partilhar as suas histórias, contribuindo através das suas experiências, para a realização desta dissertação.

Um obrigado em especial à Joana Soares, doutoranda do projeto de investigação no qual este estudo se insere, pelo olhar atento, pela constante disponibilidade, pela forma incansável com que me acompanhou ao longo de todo este percurso, tendo sempre uma palavra de conforto em momentos de maior angústia. Obrigada pelo modo como sempre foste respondendo às minhas inquietações e pelo alento para seguir em frente.

A todas as outras investigadoras do projeto, à Sílvia e à Anabela, por juntas termos partilhado as angústias, as inquietações, mas também as aprendizagens e as experiências que marcaram este nosso percurso. À Marta, ao nosso elemento mais recente, que rapidamente se integrou e testemunhou também parte deste caminho, sempre com uma palavra de apoio. À Raquel, que apesar de já ter terminado o seu percurso académico, continuou a estar presente e a acompanhar de perto o meu, mostrando-se sempre disponível e apoiante. O meu sincero obrigado a todas pela amizade, pelo carinho, companheirismo e espírito de entreajuda que tão bem caracterizam a nossa equipa de investigação.

Ao Hugo e à Joana, por todos os momentos em que confidenciamos os nossos medos, as nossas preocupações e as nossas incertezas. Obrigada também por todos aqueles que ficaram marcados pela alegria e boa disposição. Agradeço-vos pela forma como, ao longo destes anos, nos apoiamos aos três, pelo modo incansável com que juntos demos e continuaremos, com certeza, a dar significado à palavra amizade.

À Mafalda, que nem mesmo o destino tendo feito com que acabássemos por ir estudar para cidades diferentes, permitiu que a amizade e a cumplicidade que nos une desde pequeninas fosse abalada. Obrigado por todo o apoio, por todo o carinho, pela constante disponibilidade, mesmo que à distância de um simples telefonema. E que tantos que foram!

Com certeza que não terminaria esta etapa sem o permanente suporte da minha família. Aos meus pais, pelo amor incondicional, pela constante dedicação e preocupação. Obrigada por tudo aquilo que até hoje me proporcionaram, pela forma como sempre me apoiaram e ajudaram no alcance dos meus objetivos. Obrigada, acima de tudo, por terem criado um “ninho” onde sei que posso voltar a qualquer momento para recuperar a força e a energia necessária para partir novamente com a confiança de que vos tenho incondicionalmente.

À minha irmã, sem dúvida alguma, uma das pessoas mais importantes na minha vida. Obrigada pela preocupação, pelo constante encorajamento e pelo apoio incondicional ao longo de todo este meu percurso. Agradeço-te pela forma sensível com que sempre respondeste aos meus apelos, pela confiança e energia positiva que sempre me transmitiste. A tua determinação e coragem foram e serão sempre a minha fonte de inspiração.

E por fim ao Paulo, por todo o amor, compreensão, ajuda e muita paciência ao longo de toda esta caminhada. Obrigada por teres estado presente em todos os momentos de maior angústia e de quase “desespero”, sem nunca teres deixado de caminhar ao meu lado. Pelo modo como ultrapassaste as minhas ausências, pela forma como sempre contornaste os obstáculos, fazendo-me acreditar que no fim ia dar tudo certo. E deu! Obrigada.

A todos o meu longo e sincero agradecimento, porque este é também
um produto vosso!

Resumo

A adoção supõe uma mudança positiva na trajetória desenvolvimental das crianças adotadas, a qual é marcada pela descontinuidade entre as experiências pré-adoção, tipicamente de adversidade, e pós-adoção. Esta trajetória atípica tem implicações no ajustamento psicológico das crianças adotadas, o qual tem sido alvo de interesse na investigação em adoção, ainda que numa perspectiva de comparação dos *outcomes* entre crianças adotadas e não-adotadas. O presente estudo pretende compreender os processos responsáveis pelas diferenças encontradas, no ajustamento psicológico, entre crianças adotadas, identificando a relação existente entre a experiência de ser adotado, a autopercepção de habilidades sociais e (des)ajustamento psicológico de crianças adotadas de idade escolar. Participaram neste estudo 96 crianças adotadas, entre os 8-10 anos, assim como os seus pais. O (des)ajustamento psicológico foi avaliado através do SDQ, preenchido pelos pais, a experiência de ser adotado através da ECA e a autopercepção de habilidades sociais através do SSIS-RS. Os resultados mostraram que a autopercepção que as crianças têm das suas habilidades sociais é um preditor significativo, quer do (des)ajustamento psicológico, quer do impacto deste na sua vida familiar/social e que a experiência de ser adotado prediz significativamente o (des)ajustamento psicológico. Na predição do impacto, os resultados fazem ainda suspeitar de uma mediação das habilidades sociais na relação entre a experiência de ser adotado e o impacto do ajustamento. A vivência positiva da adoção e a autopercepção de habilidades sociais surgem como fatores protetores do ajustamento psicológico das crianças adotadas e, por conseguinte, aspetos a considerar na intervenção junto das mesmas.

Palavras-Chave: crianças adotadas de idade escolar, ajustamento psicológico, experiência de ser adotado, habilidades sociais.

Abstract

Adoption is predominantly a positive change following previous adversity. The developmental pathways of adopted children include discontinuities between pre and post adoption experiences and have multiple effects on the adoptees psychological adjustment, which has been the focus of adoption research mainly by comparing outcomes in adopted and non-adopted children. Research on the processes involved in differences among adopted children's psychological adjustment is less frequent. The present study aims at evaluating the impact of the experience of being adopted and the self-perception of social skills on the psychological (mal)adjustment of school-aged adopted children. Ninety-six children, aged 8 to 10, and their parents participated in this study. The children's psychological adjustment was evaluated using the SDQ with parents, the experience of being adopted was assessed by directly interviewing the children with ECA and SSIS-RS was used to measure the children's social skills self-perception. Results showed that children's self-perception of their social skills is a significant predictor of both the psychological (mal)adjustment and the impact of adjustment on family/social contexts. The experience of being adopted is also a significant predictor of psychological (mal)adjustment. In the prediction model of the impact of adjustment, results suggest a possible mediation of social skills in the relationship between the experience of being adopted and the impact of adjustment. The positive experience of being adopted and high scores in social skills are protection factors of the adopted children's psychological adjustment and, therefore, are key-issues to be considered in psychological intervention with adoptees.

Key-words: school-aged adopted children, psychological adjustment, experience of being adopted, social skills.

Introdução

A adoção tem sido reconhecida como uma resposta de sucesso para crianças que não cresceram na sua família biológica (Sánchez-Sandoval & Palacios, 2012). Em Portugal, em 2015, encontravam-se em acolhimento residencial e familiar 8600 crianças/jovens. Para 882 destas crianças foi definido um projeto de vida de adoção e para 359 destas, foi decretada a medida de adotabilidade, permitindo que 315 fossem colocadas numa família adotiva (Instituto de Segurança Social, Instituto Público [ISS,IP], 2016). Com a adoção, estas crianças veem respeitado o seu direito a uma família que lhes proporcione a oportunidade de crescer num ambiente de felicidade, amor e compreensão (Decreto-Lei n.º49/90). Contudo, se este é agora um direito assistido, importa não descurar as experiências passadas de adversidade a que a maioria foi exposta e que, conseqüentemente, conduziram à sua sinalização no Sistema Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção. A negligência, os maus-tratos, o abandono, a separação dos pais biológicos, a passagem por diversas transições ecológicas e/ou a institucionalização são experiências que marcam o background destas crianças em períodos sensíveis do seu desenvolvimento, tendo implicações negativas nas suas trajetórias desenvolvimentais, com maior ou menor impacto, dependendo da severidade e duração das mesmas (van IJzendoorn & Juffer, 2006).

A integração numa família adotiva pode permitir que os atrasos desenvolvimentais, fruto da falta de estimulação e de necessidades emocionais “não atendidas”, sejam recuperados, verificando-se uma evolução considerável no desenvolvimento físico, cognitivo e socioemocional, anteriormente comprometido (Juffer et al., 2011). Se a investigação internacional sobre a adoção tem vindo a documentar de modo inequívoco o potencial recuperador da adoção, já no que respeita aos fatores envolvidos no ajustamento psicológico da criança adotada, a evidência empírica é menos concludente. Atendendo a que a maioria dos estudos focados no ajustamento psicológico das crianças adotadas se limita à comparação de *outcomes* desenvolvimentais com não-adotados, esta investigação vai mais além, estudando o (des)ajustamento psicológico, através dos processos que podem conduzir a diferenças entre as crianças adotadas. Pretende-se identificar a relação existente entre (des)ajustamento psicológico, vivência do estatuto adotivo e autoperceção de habilidades sociais, num grupo de crianças de idade escolar adotadas. Ao dar voz às crianças, este estudo constitui-se uma mais-valia para a investigação em adoção, já que os estudos baseados em relatos de adotados de idade escolar são ainda escassos.

1. (Des)Ajustamento Psicológico da Criança Adotada

Embora as experiências pós-adoção proporcionem novas oportunidades, a influência das anteriores não desaparece por completo, deixando marcas no ajustamento psicológico das crianças que as vivenciaram (Ji, Brooks, Barth, & Kim, 2010). Numa meta-análise de 66 estudos, Wierzbicki (1993) comparou o ajustamento psicológico entre crianças adotadas e não-adotadas, concluindo que as primeiras apareciam sobre-representadas nos contextos clínicos. Brodzinsky, Smith, e Brodzinsky (1998) justificaram esta sobre-representação com base na existência de padrões diferenciados, ao nível do encaminhamento e respetivo recurso aos serviços de saúde mental por parte das famílias adotivas. Quer os pais, quer os profissionais teriam tendência a percecionar as crianças adotadas como uma população de risco, encaminhando-as mais rapidamente para tratamento, mesmo perante pequenas dificuldades.

Estudos mais recentes verificaram que, quando comparadas com os pares, as crianças adotadas apresentam uma maior incidência de problemas emocionais, comportamentais (e.g. Gagnon-Oosterwaal et al., 2012; Rosnati, Montirosso, & Barni, 2008; Stams, Juffer, Rispen, & Hoksbergen, 2000) e de hiperatividade e défice de atenção (Juffer & van IJzendoorn, 2005). Ainda que, enquanto grupo, as crianças adotadas manifestem uma maior tendência para a apresentação de problemas internalizados e externalizados, a maioria encontra-se dentro dos parâmetros normais de ajustamento (Reinoso & Forns, 2010; Rosnati et al., 2008; van IJzendoorn & Juffer, 2006). Além disso, quando comparadas com crianças com um passado similar, os adotados obtêm melhor pontuação no ajustamento (Sharma, McGue, & Benson, 1998). Sánchez-Sandoval e Palacios (2012) num estudo comparativo entre crianças adotadas, não-adotadas e institucionalizadas, relativamente à manifestação de problemas emocionais e comportamentais, verificaram que, apesar dos adotados apresentarem no geral mais problemas do que os pares não-adotados, quando comparados com as crianças institucionalizadas, demonstravam, em média, menos problemas. Acrescenta-se ainda que alguns estudos (e.g. Reinoso & Forns, 2010; Sharma, McGue, & Benson, 1996) indicam que os adotados pontuam mais no comportamento prossocial, comparativamente aos seus pares não-adotados. Em suma, os resultados destes estudos demonstram, por um lado, a influência negativa do passado de adversidade destas crianças – quando comparadas com os pares sem background de privação – mas também o impacto positivo da adoção nos seus *outcomes*, quando comparadas com aquelas que vivenciaram experiências análogas, mas que ainda não foram integradas num ambiente familiar positivo.

No entanto, estes resultados representam tendências gerais e existe uma clara variabilidade nos padrões de ajustamento e desenvolvimento entre estas crianças. Assim, tem sido estudada a influência de variáveis que podem explicar as diferenças encontradas entre crianças adotadas, em termos de ajustamento psicológico. A idade de adoção é uma das variáveis mais frequentemente estudada e ainda que alguns estudos não verifiquem nenhuma relação com o ajustamento (Gagnon-Oosterwaal et al., 2012; Gleitman & Savaya, 2011; Rosnati et al., 2008), outros sugerem que a adoção de crianças mais velhas se correlaciona com pior ajustamento emocional e comportamental (Barni, León, Rosnati, & Palacios, 2008; Sharma et al., 1996; Tan, 2009), na medida em que quanto mais tardia for a adoção maior a probabilidade das crianças terem sido expostas a mais experiências adversas que, por sua vez, irão ter repercussões no seu ajustamento (Kriebel & Wentzel, 2011; Tan, 2009). Assim, as experiências de adversidade pré-adoção, as diversas transições ecológicas e as consequentes reorganizações que estas implicam, principalmente do ponto de vista emocional, são variáveis com impacto negativo nos *outcomes* das crianças adotadas. No estudo de van der Vegt, van der Ende, Ferdinand, Verhulst, e Tiemeier (2009) as crianças que experienciaram três ou mais transições ecológicas antes da adoção apresentaram mais problemas externalizados, comparativamente àquelas que passaram por menos mudanças.

Paralelamente ao estudo das dificuldades de ajustamento psicológico, a identificação do sofrimento, comprometimento e impacto que estas causam no funcionamento familiar/social das crianças, afigura-se igualmente importante, embora a evidência empírica, mesmo em populações não-adotadas, seja reduzida (Stringaris & Goodman, 2013). Segundo estes autores, o impacto das dificuldades, avaliado/percecionado pelos pais é um bom preditor do estado clínico. Também Lai, Leung, Luk, e Wong (2014), num estudo conduzido com a versão extensa do Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ), verificaram que as *impairment measures* foram superiores ao total de dificuldades na predição do estatuto clínico. Segundo Goodman (1999), o score de impacto tem maior capacidade de discriminar entre amostras clínicas e normativas, do que o score do total de dificuldades. Apesar desta recente tendência para avaliar não só as dificuldades apresentadas, como também o impacto das mesmas, desconhecem-se estudos publicados que avaliem esta dimensão, junto de crianças adotadas.

2. Experiência de Ser Adotado

A maior vulnerabilidade ao desajuste psicológico em crianças adotadas pode não estar apenas relacionada com as vivências de adversidade precoces como também com a qualidade do ambiente familiar adotivo, com o processo de adoção e com as dificuldades relacionadas com a experiência de ser adotado (Levy-Shiff, 2001). Segundo o modelo psicossocial do ajustamento à adoção (Brodzinsky, 1987), a vivência deste processo coloca aos pais e às crianças um conjunto único de tarefas psicossociais, que interagem e complexificam as tarefas desenvolvimentais globais da vida familiar, tendo implicações no processo de construção individual, de identidade e de autoconceito da “pessoa” adotada.

As alterações no desenvolvimento cognitivo e emocional, próprias da idade escolar, traduzem-se na forma como a criança compreende a adoção (Singer, Brodzinsky, & Braff, 1982) e, conseqüentemente, no modo como se vê a si própria e como integra a adoção no seu autoconceito. Nesta faixa etária, a criança deixa de ter uma visão, exclusivamente, positiva e fantasiada da adoção, própria das idades anteriores, construindo uma imagem mais complexa e realista, que contempla os aspetos negativos deste processo (Smith & Brodzinsky, 1994). Ter sido adotada não significa apenas ter ganho uma família, como passa a significar, simultaneamente, ter perdido outra (Brodzinsky, 2011); isto é, não só significa ter sido “escolhida” pelos pais adotivos, como sugere o abandono pelos pais biológicos (Juffer, 2006). Assim, à medida que as crianças começam a compreender o que é a adoção e o que significa ser adotada, a experiência de perda vai emergindo, impondo-se a necessidade de a integrar, com vista a uma vivência positiva deste processo (Brodzinsky, 1987), já que estas perdas podem exercer uma influência negativa na formação de um self coerente e positivo, conduzindo a padrões emocionais e comportamentais desajustados (Levy-Shiff, 2001). As crianças que fazem uma avaliação mais negativa do seu processo de adoção e do seu estatuto de adotadas, tendem a ser menos ajustadas psicologicamente, a nível internalizado e externalizado (Brodzinsky, 1993; Juffer, 2006).

Segundo Benson, Sharma, e Roehlkepartain (1994), os sentimentos dos adotados, relativamente à adoção, abrangem três dimensões: sentimentos positivos, sentimentos negativos e preocupação com a adoção. Porém, ainda pouco se sabe acerca da forma como as crianças que foram adotadas pensam e sentem as suas adoções, e os estudos existentes partem maioritariamente da perspetiva parental. Juffer e Tieman (2009), por exemplo, conduziram um estudo onde os pais de crianças de idade escolar avaliaram o interesse, a compreensão e os sentimentos dos seus filhos acerca da adoção, concluindo que a maioria,

e em particular as meninas, estavam interessadas na sua adoção e tinham sentimentos positivos sobre serem adotadas. Com crianças de idade escolar adotadas, Neil (2012) identificou sentimentos positivos e sentimentos negativos associados ao seu processo de adoção e ao seu estatuto adotivo, observando-se uma tendência para as crianças mais velhas experienciarem mais sentimentos negativos, incluindo sentimentos de perda, tristeza e rejeição relativamente à família biológica. Estes dados vão ao encontro dos estudos de Singer e colaboradores (1982), que reportaram uma correlação positiva entre a idade e os sentimentos negativos acerca da adoção e de Tan e Jordan-Arthur (2012), no qual a idade das crianças se correlacionou negativamente com os sentimentos positivos em relação à adoção. Hawkins e colaboradores (2007) avaliaram a experiência da adoção, a partir do ponto de vista das crianças, tendo concluído que apesar desta ser uma experiência individual, a maioria das crianças sente-se segura nas suas adoções e nas suas famílias adotivas, vivenciando o estatuto de adotadas como uma experiência, no geral, positiva.

Apesar da investigação relacionada com a experiência da adoção, pela voz das próprias crianças, ser ainda limitada, evidencia-se que os sentimentos das crianças relativos à adoção têm importantes repercussões ao nível das suas autoavaliações (Tan & Jordan-Arthur, 2012), também estas fundamentais quando se estuda o ajustamento psicológico.

3. Habilidades Sociais da Criança Adotada

A adversidade pré-adoção, bem como a necessidade de adaptação a novos contextos pós-adoção, poderá comprometer o desenvolvimento social e exigir competências-extra, por parte das crianças que foram adotadas (Tan & Camras, 2011). A competência social, enquanto indicador do funcionamento e ajustamento socioemocional, tem sido estudada em crianças adotadas, por se relevar particularmente heurístico e um contexto privilegiado do estudo desta variável.

Gresham, Elliott, Cook, Vance, e Kettler (2010) definem competência social como a qualidade das interações sociais de um indivíduo, tal como são percebidas pelos outros agentes sociais; ou seja, trata-se de um termo avaliativo, que tem subjacente um julgamento acerca da adequação individual na realização de determinada tarefa social. Esta realização individual envolve um conjunto de comportamentos específicos, com objetivos próprios, postos em prática para completar determinada tarefa social, e que levarão à avaliação dos outros quanto à competência social do indivíduo – as habilidades sociais (Gresham et al.,

2010). A aquisição e desempenho destas habilidades sociais, por parte das crianças adotadas, poderão ser comprometidas pela sua história de vida.

Estudar as habilidades sociais torna-se particularmente importante já que estas, e a capacidade de estabelecer relações sociais positivas, afetam o ajustamento comportamental e psicológico das crianças (Bornstein, Hahn, & Haynes, 2010). Segundo Julian e McCall (2016), as crianças com menos habilidades sociais apresentam mais problemas de comportamento internalizados e externalizados.

Palacios, Moreno, e Román (2013) avaliaram as habilidades sociais das crianças adotadas, tendo concluído que estas apresentavam um nível praticamente idêntico ao dos seus pares não-adotados, identificando as crianças institucionalizadas como aquelas que tinham significativamente menos habilidades sociais. Estes resultados vão ao encontro de outros estudos que referiram que as crianças adotadas apresentavam valores similares, ou maiores, de habilidades sociais, comparativamente aos seus pares não-adotados (e.g. Julian & McCall, 2016; Tan & Camras, 2011). Algumas variáveis têm sido estudadas no âmbito das diferenças encontradas entre as crianças adotadas, ao nível das habilidades sociais. A adversidade pré-adoção, por exemplo, tem sido associada a menos habilidades sociais (Tan & Camras, 2011). O aumento da idade de adoção, por outro lado, tem surgido negativamente correlacionado com baixas habilidades sociais (Julian & McCall, 2016; Tan & Camras, 2011).

Todos estes estudos se centraram na avaliação das habilidades sociais mediante a perspetiva de outros informantes (pais e/ou professores), e não de acordo com a criança. Pouco se sabe acerca das habilidades sociais percebidas e os poucos estudos neste âmbito são com crianças não-adotadas. Este é um aspeto fundamental na medida em que, de acordo com McMahon e Solomon (2015), a perceção da importância e da frequência das habilidades sociais da criança difere entre pais e filhos. Acresce que Lee, Hankin, e Mermelstein (2010), verificaram, numa amostra normativa, que a autoperceção das crianças acerca da sua competência social estava associada ao seu ajustamento psicológico.

Em suma, apesar de alguns estudos terem investigado questões relacionadas com o ajustamento psicológico das crianças adotadas, poucos partiram dos processos pessoais (autoavaliativos) para explicar as diferenças nesta variável. Assim, a presente investigação tem como principal objetivo dar resposta a esta lacuna, estudando o impacto da vivência pessoal da adoção e da autoperceção de habilidades sociais no ajustamento psicológico da criança adotada. Especificamente, pretende-se: (a) avaliar o (des)ajustamento psicológico de crianças de idade escolar que foram adotadas, segundo a perspetiva parental; (b) avaliar o

impacto do (des)ajustamento psicológico na vida familiar/social das crianças, segundo a perspectiva parental; (c) avaliar se a percepção do (des)ajustamento psicológico difere segundo pais e mães; (d) explorar a vivência pessoal da adoção, particularmente os ganhos, as perdas, as dificuldades e os sentimentos inerentes a esta experiência; (e) avaliar a autopercepção das crianças adotadas acerca das suas habilidades sociais; (f) estudar a relação entre a idade de adoção, tempo de adoção, variáveis sociodemográficas (idade e sexo da criança) e variáveis do passado (vivência na família biológica, tempo de acolhimento e número de transições ecológicas) e o (des)ajustamento psicológico da criança adotada, a experiência de ser adotado e a autopercepção de habilidades sociais; (g) estudar as relações entre (des)ajustamento psicológico, experiência de ser adotado e autopercepção de habilidades sociais; (h) estudar o impacto da experiência de ser adotado e da autopercepção de habilidades sociais no (des)ajustamento psicológico; e (i) estudar o impacto da experiência de ser adotado e da autopercepção de habilidade sociais no score impacto das dificuldades.

Estudo Empírico

1. Método

1.1. Participantes

Crianças. Participaram neste estudo 96 crianças adotadas, 55 rapazes (57.3%) e 41 raparigas (42.7%), com idade média de 8.79 anos ($DP=0.79$, 8.00-10.00). Foram adotadas, nacionalmente, através do Sistema de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens, quando tinham, em média, 3.34 anos ($DP=2.23$, 0.20-8.00). Integradas na família adotiva há 5.45 anos ($DP=2.21$, 1.00-9.40) viveram, antes da adoção, em média, 16.38 meses com a família biológica ($DP=19.50$, 0.00-75.00) e 23.88 meses em acolhimento, residencial e/ou familiar ($DP=15.15$, 0.00-66.00). No total, incluindo a família adotiva, a maioria das crianças passou por três transições ecológicas ao longo da sua vida ($Mo=3$, $M=2.80$, $DP=0.72$, 2.00-5.00). Trinta e uma crianças (32.3%) não tiveram experiências com a família biológica, 38 (39.6%) foram alvo de negligência, seis (6.3%) experienciaram abandono após vivência com a família biológica e cinco (5.2%) foram vítimas de maus-tratos. Em 16 casos (16.6%), os pais adotivos desconheciam esta informação.

Pais. As crianças participantes estavam integradas em 96 famílias adotivas, 88 (91.7%) do tipo biparental e oito (8.3%) monoparentais femininas. Em 66 (75.0%) das famílias biparentais, participaram mãe e pai; em sete (8.0%) participou apenas a mãe; em nove (10.2%) apenas o pai; e em seis (6.8%) nenhuma das figuras parentais respondeu ao questionário. Nas oito famílias monoparentais participaram todas as mães. No total foram participantes deste estudo 81 mães e 75 pais. As mães ($M=45.14$, $DP=5.20$, 32.00-59.00) e os pais ($M=46.18$, $DP=4.74$, 37.00-59.00) diferiram significativamente em termos de idade, $t_{(64)}=-2.06$, $p=.044$, $d=-0.21$, IC a 95% [-2.06, -0.03], mas não em anos de estudo, $t_{(64)}=1.01$, ns , ($M_{mães}=12.15$, $DP=4.49$, 4.00-23.00; $M_{pais}=11.78$, $DP=4.65$, 3.00-23.00).

1.2. Instrumentos e Medidas

Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ; Goodman, 1997). Para avaliar o ajustamento psicológico da criança, variável dependente, utilizou-se a versão para pais (4-16 anos) do SDQ, traduzida e adaptada para português por Fleitlich, Loureiro, Fonseca, e Gaspar (2005). Neste questionário os pais posicionaram-se numa escala do tipo *Likert* de 3

pontos (0 – *não é verdade*; 2 – *é muito verdade*) quanto a 25 características, positivas e negativas, observadas na criança nos últimos seis meses (e.g. “Mente frequentemente ou engana.”; “É sensível aos sentimentos dos outros.”). Da solução fatorial encontrada pelo autor (Goodman, 1997) resultam cinco subescalas: sintomas emocionais, problemas de comportamento, hiperatividade, problemas de relacionamento com os colegas e comportamento pró-social. O score total de dificuldades resulta do somatório de todas as subescalas, à exceção do comportamento pró-social (capacidade). Este questionário permite também obter um score de internalização (calculado através do somatório das subescalas de sintomas emocionais e de problemas de relacionamento com os colegas); um score de externalização (resultado do somatório das subescalas de problemas de comportamento e hiperatividade) (Goodman, Lamping, & Ploubidis, 2010); e uma avaliação do impacto que as dificuldades manifestadas pela criança têm na vida familiar, escolar e social desta (Goodman, 1999). Este impacto é avaliado através de cinco itens (e.g. “Essas dificuldades perturbam o dia-a-dia do seu filho em casa?”), respondidos em escala tipo *Likert* de 4 pontos (1 – *nada*; 4 – *muitíssimo*). Neste estudo, a consistência interna do instrumento foi avaliada através do α de Cronbach, tendo-se obtido valores interpretados por Hair, Anderson, Tatham, e Black (1998) como “condicionais” a “muito bons” ($\alpha = .61$ a $\alpha = .86$), apresentados na Tabela 1.

Entrevista a Crianças sobre Adoção (ECA; Barbosa-Ducharne & Soares, 2012).

A ECA é uma entrevista semiestruturada que tem como principal objetivo avaliar o modo como as crianças que foram adotadas vivenciaram todo o processo de adoção e vivem a experiência de “serem adotadas”. É constituída por sete secções – conceito de família e adoção; comunicação sobre adoção na família; abertura da adoção ao exterior; preparação para a adoção; transição e chegada à nova família; adaptação e desenvolvimento; e valorização global. Neste estudo apenas foi utilizada a secção da valorização global, através da qual foi operacionalizado o constructo de “experiência de ser adotado”, variável independente deste estudo.

Experiência de ser adotado. Foi avaliada através de uma *rating scale*, numa escala tipo *Likert* de 5 pontos (1 – *nunca é verdade*; 5 – *é sempre verdade*), constituída por 12 itens de avaliação dos sentimentos da criança sobre ser adotada (cf. Tabela 3 a descrição dos itens) e de três questões de resposta aberta (“Qual foi a melhor coisa que te aconteceu por teres sido adotado(a)?”, “Qual foi a pior coisa que te aconteceu por teres sido adotado(a)?”, “Diz-me três coisas que tenham sido difíceis para ti relacionadas com a tua adoção.”), através das

quais foram estudados, respetivamente, o número de ganhos, perdas e dificuldades, identificados por cada criança.

Social Skills Improvement System – Rating Scale (SSIS-RS; Gresham & Elliott, 2008). A autoperceção de habilidades sociais, variável independente, foi avaliada através do SSIS-RS, versão para crianças (8-12 anos), traduzida e adaptada para o contexto português por Soares, Barbosa-Ducharne, Lemos, e Cruz (2012). Neste questionário, as crianças posicionaram-se numa escala tipo *Likert* de 4 pontos (0 – *nunca*; 3 – *quase sempre*) quanto à frequência com que manifestam um conjunto de habilidades sociais e de comportamentos problema. O SSIS-RS, versão para crianças, é constituído por sete subescalas (comunicação, envolvimento, empatia, cooperação, responsabilidade, assertividade e autocontrolo) que constituem a escala das habilidades sociais e quatro subescalas (externalização, hiperatividade, *bullying* e internalização) que constituem a escala dos problemas de comportamento. Neste estudo foi apenas usada a escala das habilidades sociais ($\alpha = .91$ – “excelente”).

1.3. Procedimentos

Com base num protocolo de colaboração, assinado entre o ISS, IP, entidade tutelar da adoção em Portugal, e a FPCEUP, foram identificadas, e mediado o contacto com, as famílias que respondiam aos critérios de seleção: famílias com crianças entre os 8-10 anos, integradas há pelo menos um ano na família adotiva. A amostra final representa 57% das crianças adotadas no distrito do Porto, dentro dos critérios acima definidos, no momento da recolha de dados.

A recolha de dados decorreu no domicílio da família e foi conduzida por investigadores com formação específica. A aplicação da ECA teve uma duração média de 74.14 minutos ($DP=26.79$, 37.00-195.00) e apenas foi aplicada quando a criança sabia que era adotada. O SSIS-RS, apesar de ser um questionário, foi aplicado à criança em formato de entrevista. O SDQ foi respondido, individualmente, pelo pai e pela mãe, separadamente. A participação das famílias foi voluntária, não tendo sido oferecida nenhuma recompensa monetária pela participação, tal como é habitual na investigação em adoção em Portugal.

Foram tidos em consideração todos os procedimentos éticos, previamente aprovados pela Comissão de Ética da FPCEUP e pela Comissão Nacional de Proteção de Dados, nomeadamente: consentimento informado, participação autorizada e voluntária da criança e confidencialidade dos dados.

Os dados recolhidos foram analisados através do programa IBM *SPSS Statistics*, versão 22, para Windows (IBM Corp. Released, 2013). No estudo prévio dos dados verificou-se que a variável “sentimentos positivos relativos a ter sido adotado pelos próprios pais” (e alguns dos itens que a constituem) não seguia uma distribuição univariada normal (Assimetria = -4.23; Kurtose = 18.85), recorrendo-se, neste caso, à utilização de testes não paramétricos. Para caracterizar as variáveis em estudo recorreu-se à estatística descritiva. Foram estudadas diferenças de médias através do teste *t* de *Student* para amostras independentes e emparelhadas. Para estudar as relações entre variáveis foram usadas correlações bivariadas (*r* de Pearson ou *Rho* de Spearman). Para interpretação do valor das correlações foi usada a proposta de Cohen (1988) ($r=.10$ a $.20$, baixa; $r=.30$ a $.49$, moderada; $r=.50$ a 1.0 , alta). As relações entre as variáveis em estudo e as variáveis sociodemográficas/do passado e idade e tempo de adoção foram consideradas e o seu efeito foi controlado através de correlações parciais. Com o objetivo de testar a existência de uma estrutura latente subjacente à *rating scale*, referente aos sentimentos da criança sobre ser adotada, foi realizada uma análise fatorial de componentes principais, seguida de rotação ortogonal do tipo varimax. Dos 12 itens iniciais foi apenas eliminado o item 12 (ver Tabela 3) por não cumprir o pressuposto da saturação mínima de .40. A adequação da análise fatorial foi assegurada através do teste de Kaiser-Meyer-Olkin ($KMO = 0.65$) e do teste de esfericidade de Bartlett, $\chi^2(55) = 340.21$, $p < .001$. Nas análises de regressão múltipla hierárquica foram assegurados os pressupostos inerentes, nomeadamente a linearidade, a normalidade da distribuição dos erros (validados graficamente), a homoscedasticidade, a independência dos erros (através da estatística de *Durbin-Watson* com valores de 1.92 e 1.93, considerados por Field (2009) como aceitáveis) e a multicolinearidade (validada através das estatísticas FIV e tolerância).

2. Resultados

2.1. (Des)Ajustamento Psicológico da Criança Adotada: Perspetiva Parental

A Tabela 1 apresenta o modo como mães e pais se posicionaram relativamente às medidas da variável dependente. Estes não diferiram significativamente em nenhuma das subescalas do SDQ, nem no total de dificuldades, tipologia internalização/externalização ou impacto, e as correlações entre ambos foram altas, pelo que se optou por utilizar, nas análises

subsequentes, a média de ambos, como perspectiva parental, para caracterizar o (des)ajustamento psicológico da criança.

Atendendo às cinco subescalas, o comportamento prossocial (capacidade) apresentou a média mais elevada. Dentro das dificuldades, a hiperatividade obteve a média mais elevada e os problemas de relacionamento com os colegas a média mais baixa. Relativamente à tipologia das dificuldades, os pais consideraram que as crianças apresentam significativamente mais dificuldades do tipo externalizadas do que internalizadas, $t_{(89)}=11.62, p<.001, d=1.21$, IC a 95% [3.48, 4.91], embora ambos os scores se encontrem altamente correlacionados ($r=.55, p<.001$). O score do impacto das dificuldades encontra-se altamente correlacionado com o total de dificuldades ($r=.76, p<.001$).

-Tabela 1-

Considerando as normas do SDQ (Fleitlich et al., 2005; Goodman, 1997), as pontuações obtidas foram categorizadas em valores normais, limítrofes ou clínicos, sabendo que, na amostra normativa, 80% das crianças encontravam-se dentro dos valores normais, 10% nas pontuações limítrofes e 10% assumiram valores considerados clínicos. A Tabela 1 apresenta a distribuição da amostra, segundo estes pontos de corte. Os resultados revelaram que, na perspectiva parental, as crianças desta amostra não seguem esta tendência relativamente: aos problemas de comportamento (28.2% apresenta valores clínicos), à hiperatividade (48.2% no grupo clínico) e ao total de dificuldades (apenas 58.1% dentro de valores normais). Ao nível das capacidades (comportamento prossocial) as crianças adotadas situaram-se acima dos 80% (96.6% dentro dos valores normais). Relativamente ao impacto, 41.6% integraram o grupo clínico.

Não se observaram diferenças estatisticamente significativas nas medidas do ajustamento psicológico em função do sexo da criança. A Tabela 2 apresenta as correlações entre estas medidas e a idade da criança, variáveis do passado, idade e tempo de adoção.

-Tabela 2-

2.2. Experiência de Ser Adotado: Autoperceção

As crianças enumeraram ganhos (e.g. “Ter uns pais que me amam muito.”), perdas (e.g. “Os meus pais biológicos não me quiseram.”) e dificuldades (e.g. “Adaptar-me à família, adaptar-me à casa, ao quarto, adaptar-me à nova vida.”) relacionadas com a adoção. A maioria das crianças reportou um ganho relacionado com a adoção ($Mo=1, M=1.32, DP=0.60, 0.00-3.00$), nenhuma perda ($Mo=0, M=0.44, DP=0.59, 0.00-2.00$) e uma dificuldade associada ao seu processo de adoção ($Mo=1, M=1.36, DP=0.77, 0.00-3.00$). A

Tabela 3 descreve os 12 itens de avaliação dos sentimentos da criança sobre ser adotada, e as correlações entre eles.

-Tabela 3-

A solução da análise fatorial exploratória permitiu extrair três fatores que, conjuntamente, explicam 60.41% da variância total. O primeiro fator, constituído pelos itens: “Ser adotado(a) faz-me sentir amado(a).”; “Gosto de ser adotado(a).”; “Ser adotado(a) faz-me sentir especial.”; e “Sinto-me bem por ser adotado(a).”, explicou 24.03% da variância e foi denominado como *sentimentos positivos sobre ser adotado* ($M=3.95$, $DP=1.15$, $\alpha=.82$). O segundo fator, onde saturaram os itens: “Estou contente por os meus pais me terem adotado.”; “Acho que os meus pais estão felizes por me terem adotado.”; e “Tenho orgulho por os meus pais me terem adotado.”, explicou 20.12% e foi denominado como *sentimentos positivos relativos a ter sido adotado pelos próprios pais* ($M=4.84$, $DP=0.48$, $\alpha=.75$). Por fim, o terceiro fator, constituído pelos itens “Dói saber que sou adotado(a).”; “Os meus pais dizem-me que lhes devo agradecer por me terem adotado.”; “Acho que os meus pais gostariam mais de mim se fosse filho biológico.”; “Os meus pais dizem-me que me podem devolver, se quiserem.”, explicou 16.25% da variância e foi designado como *sentimentos negativos relativos ao estatuto de adotado* ($M=1.91$, $DP=0.86$, $\alpha=.55$).

Os sentimentos positivos sobre ser adotado diferiram significativamente dos sentimentos positivos relativos a ter sido adotado pelos próprios pais, $t_{(95)}=-8.16$, $p<.001$, $d=-1.01$, IC a 95% [-1.10, -0.67] e correlacionaram-se moderadamente ($r=.34$, $p=.001$); os sentimentos positivos sobre ser adotado e os sentimentos negativos diferiram significativamente, $t_{(95)}=14.46$, $p<.001$, $d=2.01$, IC a 95% [1.77, 2.33], e não se correlacionaram ($r=.07$, ns). Por fim, encontraram-se diferenças significativas entre os sentimentos positivos relativos a ter sido adotado pelos próprios pais e os sentimentos negativos relativos ao estatuto de adotado, $t_{(95)}=28.69$, $p<.001$, $d=4.21$, IC a 95% [2.73, 3.14], com ausência de correlação entre ambos ($r=-.13$, ns).

As medidas da experiência de ser adotado não diferiram significativamente em função do sexo da criança. As correlações com a idade da criança, variáveis do passado, idade e tempo de adoção encontram-se na Tabela 2.

2.3. Habilidades Sociais da Criança Adotada: Autoperceção

De acordo com a perspetiva das crianças, a média obtida na escala de habilidades sociais foi de 2.39 ($DP=0.35$, Min.=0.10, Máx.=2.30), assumindo valores dentro do nível

comportamental médio proposto por Gresham e Elliott (2008), considerando as normas de aferição do instrumento.

A percepção das habilidades sociais não diferiu significativamente em função do sexo da criança. Não foram encontradas relações estaticamente significativas com a idade da criança, tempo de vivência com a família biológica, tempo de acolhimento, número de transições ecológicas, idade ou tempo de adoção (ver Tabela 2).

2.4. Relação entre (Des)Ajustamento Psicológico, Experiência de Ser Adotado e Percepção de Habilidades Sociais

A Tabela 4 descreve estas correlações. Os problemas de comportamento, hiperatividade, total de dificuldades, score de externalização e impacto estavam negativa e significativamente correlacionados com as habilidades sociais. Os sentimentos positivos relativos a ter sido adotado pelos próprios pais estavam negativa e significativamente correlacionados com os sintomas emocionais e com o impacto. As habilidades sociais estavam positiva e significativamente correlacionadas com os sentimentos positivos sobre ser adotado e com os sentimentos positivos relativos a ter sido adotado pelos próprios pais.

-Tabela 4-

2.5. Preditores do (Des)Ajustamento Psicológico da Criança Adotada

Com o objetivo de estudar os preditores do (des)ajustamento psicológico realizaram-se análises de regressão hierárquica, considerando como variáveis dependentes, por um lado, o total de dificuldades e, por outro lado, a percepção parental do impacto que as dificuldades apresentadas pela criança têm na sua vida familiar/social. Usando como preditores variáveis sociodemográficas, de caracterização do passado da criança, relativas à sua vivência da adoção e à autopercepção de habilidades sociais, foi estudado o seu valor preditivo e verificado se existiam diferenças na predição das dificuldades e do impacto dessas dificuldades. Após explorados vários modelos foi selecionado o mais parcimonioso, considerando os pressupostos estatísticos inerentes. As Tabelas 5 e 6 apresentam os modelos finais de regressão linear hierárquica, para o total de dificuldades e para o impacto, respetivamente, identificando cinco preditores que, conjuntamente, explicam 15% da variância observada no total de dificuldades, $F_{(5, 80)}=4.07$, $p=.002$, e 19% da variância observada no impacto das dificuldades, $F_{(5, 79)}=4.82$, $p=.001$. Relativamente ao total de dificuldades, o modelo final tem como preditores as habilidades sociais ($\beta=-.29$, $p=.005$), a

idade da criança ($\beta = -.22, p = .037$), o tempo de adoção ($\beta = -.21, p = .043$) e o número de ganhos ($\beta = .21, p = .048$).

-Tabela 5-

A regressão hierárquica para o impacto das dificuldades mostrou que, no modelo final, esta variável é predita pela idade da criança ($\beta = -.28, p = .008$), pelas habilidades sociais ($\beta = -.26, p = .012$), pelo tempo de adoção ($\beta = -.24, p = .024$), pelos sentimentos positivos sobre ser adotado ($\beta = -.19, p = .070$) e pelo número de ganhos ($\beta = .16, p = .121$). O facto de, na passagem do segundo para o terceiro modelo, os sentimentos positivos sobre ser adotado deixarem de ser significativos, com a introdução das habilidades sociais, ao mesmo tempo que se observa um aumento da variância explicada, fazem suspeitar do papel mediador das habilidades sociais na predição dos sentimentos positivos sobre ser adotado no impacto das dificuldades, considerando os pressupostos apresentados por Holmbeck (1997) para a presença de tais relações.

- Tabela 6-

3. Discussão

Este estudo teve como principal objetivo analisar o impacto da experiência de ser adotado e da autoperceção de habilidades sociais no ajustamento psicológico de crianças adotadas de idade escolar. No geral, verificou-se que tanto a experiência de ser adotado como a autoperceção das habilidades sociais contribuíram para a explicação do (des)ajustamento em crianças adotadas.

Relativamente ao (des)ajustamento psicológico segundo a perspetiva parental, verificou-se que 19.8% das crianças adotadas enquadraram-se no grupo clínico no total de dificuldades. Estes resultados são congruentes com estudos anteriores (Rosnati et al., 2008; Stams et al., 2000) que identificaram que os adotados apresentavam problemas num nível clinicamente significativo. De acordo com os pais, estas dificuldades de ajustamento expressam-se sobretudo a nível externalizado, tal como observado noutros estudos prévios (Stams et al., 2000; Wierzbicki, 1993), e, particularmente, na presença de problemas de hiperatividade (Juffer et al., 2011; Reinoso & Forns, 2010; Rosnati et al., 2008). Importa atender a um possível viés nesta avaliação parental, considerando a maior visibilidade, e “incomodo”, provocado pela externalização, comparativamente à internalização. Distorções cognitivas associadas à crença de que as crianças adotadas têm, inevitavelmente, problemas,

podem despertar o alarme parental para uma sobrevalorização dos problemas apresentados, refletindo-se esta tendência nas suas avaliações acerca do ajustamento. Por outro lado, esta maior incidência de problemas externalizados poderá refletir a forma como as crianças estão a gerir a adoção e as suas implicações (Brodzinsky, 1987). Apesar das dificuldades, os pais também identificaram capacidades prossociais, acima da média. Reinoso e Forns (2010) encontraram resultados semelhantes e discutiram-nos com base: nas experiências prévias de rejeição e tentativa, através destes comportamentos, de evitar futuros abandonos; numa transmissão parental de valores prossociais, considerando que ao adotar, os pais também se basearam em motivos prossociais; e por último, no reconhecimento das crianças do valor de tais comportamentos na sua própria adoção e, consequente ação em conformidade, para com os outros.

O estudo do impacto das dificuldades permitiu constatar que, segundo os pais, as dificuldades têm, de facto, um impacto significativo na vida das crianças. Ao contrário da investigação de Reinoso e Forns (2010), onde o score de impacto, não excedeu o ponto de corte, assumindo valores limítrofes, neste estudo verificou-se que o impacto das dificuldades situa-se em valores considerados clínicos para 41.6% dos participantes. Apesar de existir uma correlação alta entre as dificuldades e o impacto dessas dificuldades, existem diferenças nestas duas medidas que devem ser consideradas, justificando o seu uso conjunto.

Pais e mães não diferiram em nenhuma das medidas do SDQ, tendo-se observado, inclusive, altas correlações entre os dois informantes. Rosnati e colaboradores (2008) também observaram esta congruência entre pais e mães e discutiram-na com base na possibilidade dos pais adotivos, por terem passado pelo processo de adoção juntos, estarem mais envolvidos no cuidado dos filhos, terem uma relação de maior apoio conjugal e melhor comunicação, refletindo-se em perceções partilhadas do (des)ajustamento dos filhos.

Ao contrário do que se verificou em investigações anteriores (Sánchez-Sandoval & Palacios, 2012; Stams et al., 2000), não foram encontradas diferenças no (des)ajustamento psicológico em função do sexo da criança. Embora existam investigações que não observaram relação entre a idade e o (des)ajustamento das crianças adotadas (Reinoso & Forns, 2010; Sánchez-Sandoval & Palacios, 2012; Sharma et al., 1996), no presente estudo a idade da criança correlacionou-se negativamente com o total de dificuldades, problemas de comportamento, score de externalização e impacto. Estes resultados estão em linha com os estudos que sugerem que à medida que a idade aumenta os problemas externalizados diminuem e os problemas internalizados aumentam, podendo no fundo representar as tendências gerais de desenvolvimento (Rosnati et al., 2008). Relativamente às variáveis do

passado destaca-se a relação positiva entre o tempo de acolhimento e o desajustamento psicológico. Estes resultados vão ao encontro da literatura que refere o impacto negativo das experiências de adversidade nos *outcomes* desenvolvimentais das crianças (Palacios et al., 2013; van IJzendoorn & Juffer, 2006). Para além disto, destaca-se a relação positiva entre o número de transições ecológicas e os problemas de relacionamento com os colegas, mostrando a exigência acrescida, do ponto de vista social, a que estas crianças estão sujeitas ao terem constantemente de se adaptar a novos contextos, e consequentemente diferentes avaliações do que é ser socialmente competente, ao mesmo tempo que, pela história de vida, têm lacunas na aquisição de habilidades sociais, que facilitem interações sociais positivas. Contrariamente aos estudos que encontraram uma correlação negativa entre a idade de adoção e o ajustamento das crianças adotadas (Barni et al., 2008; Sharma et al., 1996; Tan 2009), não foi encontrada qualquer relação significativa entre estas duas variáveis, tal como noutras investigações (Gagnon-Oosterwaal et al., 2012; Gleitman & Savaya, 2011; Rosnati et al., 2008). É possível que a idade de adoção não seja um fator de risco em si, mas que as experiências negativas anteriores à adoção tenham um maior impacto no (des)ajustamento das crianças, independentemente desta variável. Por fim, relativamente ao tempo de adoção, verificou-se uma correlação negativa com a hiperatividade, a externalização e o score de impacto. Estes resultados são congruentes com estudos que referem as características de proteção das famílias adotivas e o seu papel recuperador no posterior desenvolvimento das crianças (Sánchez-Sandoval & Palacios, 2012), sustentando a visão da adoção como uma “intervenção natural de sucesso” (van IJzendoorn & Juffer, 2006).

Relativamente ao objetivo de explorar a vivência pessoal da adoção verificou-se que algumas crianças se mostraram capazes de reconhecer que a adoção envolve ganhos, perdas e dificuldades, revelando maturidade psicológica e crescente conscientização das implicações de ser adotado (Smith & Brodzinsky, 1994); outras, pelo contrário, não foram capazes de reportar perdas. Foi possível comprovar que a adoção é uma experiência emocionalmente complexa que não inclui apenas sentimentos positivos, mas também sentimentos negativos, que coexistem na experiência de ser adotado (Brodzinsky, 2011; Neil, 2012; Smith & Brodzinsky, 1994). Ainda assim, e à semelhança da investigação conduzida por Hawkins e colaboradores (2007), as crianças pontuaram mais nos sentimentos positivos do que nos negativos, demonstrando que as crianças vivenciam o estatuto de adotadas como uma experiência, no geral, positiva. Destaca-se ainda que, contrariamente ao expectável, observou-se que quanto mais transições ecológicas, menos perdas relacionadas com a adoção foram reportadas. Este resultado pode ser discutido com base na ideia de que

um maior número de transições poderá estar relacionado com a existência de relações interpessoais menos significativas, próprias aliás de contextos institucionais, frequentados pela maioria destas crianças, fazendo com que estas não interpretem, posteriormente, estas experiências como perdas.

Relativamente à avaliação da autoperceção das crianças adotadas acerca das suas habilidades sociais verificou-se que, de acordo com os níveis comportamentais propostos por Gresham e Elliott (2008) as crianças desta amostra apresentaram habilidades sociais na média, corroborando estudos anteriores (e.g. Julian & McCall, 2016; Palacios et al., 2013), que apesar de não partirem da autoavaliação da criança, mostraram níveis de habilidades sociais idênticos aos não-adotados.

Na avaliação do impacto da experiência de ser adotado e da autoperceção de habilidades sociais no (des)ajustamento psicológico, medido através do total de dificuldades e respetivo impacto familiar/social, constatou-se que o total de dificuldades foi predito negativamente pela idade da criança e tempo de adoção. A integração numa família e a vivência num ambiente familiar positivo parece proporcionar, de facto, melhorias no ajustamento das crianças adotadas, tal como corroborado em estudos anteriores (Sánchez-Sandoval & Palacios, 2012). Além disso, as dificuldades foram preditas pela experiência de ser adotado (número de ganhos) e pela autoperceção de habilidades sociais. Ao contrário do que seria expectável, o número de ganhos contribuiu de forma positiva para o total de dificuldades, o que nos leva a ponderar sobre a presença de estratégias de *coping* por parte destas crianças (mais desajustadas) para fazer face às implicações da adoção, traduzindo-se numa necessidade de sobrevalorização dos ganhos e uma subvalorização das perdas (o que vai ao encontro da maioria das crianças não ter reportado nenhuma perda). Esta possível interpretação é congruente com os resultados do estudo de Reinoso e Forns (2010), no sentido em que estes autores verificaram que as estratégias de evitamento estavam ligadas à avaliação parental do total de dificuldades. Os sentimentos positivos sobre ser adotado apesar de não serem um preditor significativo, têm um beta negativo, demonstrando que as crianças que veem a sua adoção de forma mais positiva são aquelas cujos pais percecionam menos dificuldades. O facto de não existir literatura que analise especificamente a relação entre estas duas variáveis dificulta a discussão destes resultados, no entanto, os mesmos comprovam o impacto que a visão positiva do estatuto adotivo assume no desenvolvimento ajustado destas crianças. A autoperceção de habilidades sociais foi também um preditor significativo, demonstrando que as crianças que se percecionam com mais habilidades sociais são avaliadas pelos pais como tendo menos dificuldades de ajustamento. Mais uma

vez, a falta de estudos complexifica a discussão destes resultados, que mostram o papel das habilidades sociais no *coping* aos desafios inerentes à adoção, refletindo-se positivamente no seu ajustamento. Por fim, relativamente à predição do impacto verificou-se que este foi predito pela idade da criança, tempo de adoção e habilidades sociais, ainda que com pesos diferentes relativamente ao modelo do total de dificuldades.

4. Conclusão

O presente estudo mostrou que a experiência de ser adotado e a autoperceção de habilidades sociais foram preditores do (des)ajustamento psicológico das crianças adotadas. Contudo, algumas limitações impõem cautela na leitura destes resultados. A primeira está relacionada com o carácter transversal deste estudo. A experiência da adoção não é um evento isolado, mas um processo que sofre alterações ao longo do desenvolvimento, pelo que a sua relação com o (des)ajustamento psicológico poderá mudar ao longo do tempo, sendo importante estudos longitudinais que avaliem a relação entre estas variáveis, permitindo uma visão mais compreensiva das trajetórias desenvolvimentais destas crianças. Para uma visão mais completa do (des)ajustamento psicológico, dentro e fora do contexto familiar, a sua avaliação a partir da perspetiva de outros informantes (e.g. o professor) poderia constituir-se uma mais-valia. Por fim, as medidas de operacionalização da experiência de ser adotado são medidas nunca antes estudadas pelo que o seu poder estatístico deve ser alvo de atenção. Apesar da importância de dar voz à criança é sabido também que as variáveis avaliadas segundo o seu ponto de vista são habitualmente mais frágeis. Além disso, este estudo envolveu variáveis muito pessoais que justificam também a baixa variância explicada nas regressões.

Ainda assim, acreditamos que o presente estudo constitui uma mais-valia para a investigação na área da adoção. Em primeiro lugar, pelo (des)ajustamento não ter sido apenas estudado em função da idade, género e variáveis do passado de adversidade (variáveis pré-adoção), numa lógica de comparação com crianças não-adotadas, mas ter tido em consideração as possíveis diferenças que podem existir em função de outras variáveis mais ligadas ao contexto pós-adoção, como a vivência de ser adotado e autoperceção de habilidades sociais. Assim, ao partir de processos autoavaliativos para tentar explicar o (des)ajustamento, este estudo deu especial ênfase à perspetiva da criança, permitindo uma visão mais abrangente, pessoal e realista da adoção e do seu funcionamento.

Referências

- Barbosa-Ducharme, M., & Soares, J. (2012). *Entrevista a Crianças sobre Adoção (ECA)*. Instrumento não publicado. FPCEUP.
- Barni, D., León, E., Rosnati, R., & Palacios, J. (2008). Behavioral and socioemotional adjustment in international adoptees: A comparison between Italian and Spanish adoptive parents' reports. *Adoption Quarterly*, 11(4), 235-254, doi:10.1080/10926750802569780
- Benson, P. L., Sharma, A. R., & Roehlkepartain, E. C. (1994). Growing up adopted: A portrait of adolescents and their families. Minneapolis, MN: Search Institute.
- Bornstein, M. H., Hahn, C., & Haynes, O. M. (2010). Social competence, externalizing, and internalizing behavioral adjustment from early childhood through early adolescence: Developmental cascades. *Development and Psychopathology*, 22(4), 717-735. doi:10.1017/S0954579410000416
- Brodzinsky, D. M. (1987). Adjustment to adoption: A psychosocial perspective. *Clinical Psychology Review*, 7(1), 25-47. doi:10.1016/0272-7358(87)90003-1
- Brodzinsky, D. M. (1993). Long-term outcomes in adoption. *The Future of Children*, 3(1), 153-166. doi:10.2307/1602410
- Brodzinsky, D. M. (2011). Children's understanding of adoption: Developmental and clinical implications. *Professional Psychology: Research and Practice*, 42(2), 200-207. doi:10.1037/a0022415
- Brodzinsky, D. M., Smith, D. W., & Brodzinsky, A. B. (1998). *Children's adjustment to adoption: Developmental and clinical issues* (pp.34-50). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Cohen, J. W. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd ed.). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Decreto-Lei n.º 49/90, de 12 de setembro. Diário da República n.º 211/1990 – I Série
- Field, A. (2009). *Descobrimos a estatística usando o SPSS* (2nd ed.). Porto Alegre: Artmed Editora.
- Fleitlich, B., Loureiro, M., Fonseca, A., & Gaspar, F. (2005). *Questionário de capacidades e dificuldades (SDQ-Por)* [Strengths and Difficulties Questionnaire, Portuguese Version]. Retirado de www.sdqinfo.org
- Gagnon-Oosterwaal, N., Cossette, L., Smolla, N., Pomerleau, A., Malcuit, G., Chicoine, J.,...Berthiaume, C. (2012). Pre-adoption adversity and self-reported behavior

- problems in 7 year-old international adoptees. *Child Psychiatry Human Development*, 43(4), 648-660. doi:10.1007/s10578-011-0279-5
- Gleitman, I., & Savaya, R. (2011). Adjustment of adolescent adoptees: The role of age of adoption and exposure to pre-adoption stressors. *Children and Youth Services Review*, 33(5), 758-766. doi:10.1016/j.childyouth.2010.11.020
- Goodman, R. (1997). The Strengths and Difficulties Questionnaire: A research note. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 38(5), 581-586. doi: 10.1111/j.1469-7610.1997.tb01545.x
- Goodman, R. (1999). The extended version of the Strengths and Difficulties Questionnaire as a guide to child psychiatric caseness and consequent burden. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 40(5), 791-799. doi:10.1111/1469-7610.00494
- Goodman, A., Lamping, D. L., & Ploubidis, G. B. (2010). When to use broader internalising and externalising subscales instead of the hypothesised five subscales on the Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ): Data from British parents, teachers and children. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 38(8), 1179-1191. doi:10.1007/s10802-010-9434-x
- Gresham, F. M., & Elliott, S. N. (2008). *Social Skills Improvement System - Rating Scale*. Minneapolis, MN: Pearson Assessments.
- Gresham, F. M., Elliott, S. N., Cook, C. R., Vance, M. J., & Kettler, R. (2010). Cross-informant agreement for ratings for social skill and problem behavior ratings: An investigation of the Social Skills Improvement System - Rating Scales. *Psychological Assessment*, 22(1), 157-166. doi:10.1037/a0018124
- Hair, J., Anderson, R., Tatham, R., & Black, W. (1998). *Multivariate data analysis* (5th ed.). New Jersey: Prentice Hall.
- Holmbeck, B. (1997). Toward terminological, conceptual, and statistical clarity in the study of mediators and moderators: Examples from the child-clinical and pediatric psychology literatures. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 65(4), 599-610. doi:10.1037/0022-006X.65.4.599
- Hawkins, A., Beckett, C., Castle, J., Groothues, C., Sonuga-Barke, E., Colvert, E.,...Rutter, M. (2007). The experience of adoption (1) A study of intercountry and domestic adoption from the child's point of view. *Adoption & Fostering*, 31(4), 5-16. doi:10.1177/030857590703100403
- IBM Corp. Released. (2013). *IBM SPSS Statistics for Windows, Version 22.0*. Armonk, NY: Author.

- Instituto de Segurança Social, Instituto Público (ISS, IP, 2016). *CASA 2015 – Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens*. Lisboa: ISS, IP.
- Ji, J., Brooks, D., Barth, R. P., & Kim, H. (2010). Beyond preadoptive risk: The impact of adoptive family environment on adopted youth's psychosocial adjustment. *American Journal of Orthopsychiatric*, 80(3), 432-442. doi:10.1111/j.1939-0025.2010.01046.x
- Juffer, F. (2006). Children's awareness of adoption and their problem behavior in families with 7-year-old internationally adopted children. *Adoption Quarterly*, 9(2/3), 1-22. doi:10.1300/J145v9n02_01
- Juffer, F., Palacios, J., LeMare, L., Sonuga-Barke, E., Tieman, W., Bakermans-Kranenburg, M.,... Verhulst, F. (2011). Development of adopted children with histories of early adversity. *Monographs of the Society for the Research on Child Development*, 76, 31-61. doi:10.1111/j.1540-5834.2011.00627
- Juffer, F., & Tieman, W. (2009). Being adopted. Internationally adopted children's interest and feelings. *International Social Work*, 52(5), 635-647. doi:10.1177/0020872809337682
- Juffer, F., & van IJzendoorn, M. H. (2005). Behavior problems and mental health referrals of international adoptees: A meta-analysis. *Journal of the American Medical Association*, 293(20), 2501-2515. doi:10.1001/jama.293.20.2501
- Julian, M. M., & McCall, R. B. (2016). Social skills in children adopted from socially-emotionally depriving institutions. *Adoption Quarterly*, 19(1), 44-62. doi:10.1080/10926755.2015.1088106
- Kriebel, D. K., & Wentzel, K. (2011). Parenting as a moderator of cumulative risk for behavioral competence in adopted children. *Adoption Quarterly*, 14(1), 37-60. doi:10.1080/10926755.2011.557945
- Lai, K., Leung, P., Luk, E., & Wong, A. (2014). Use of the extended Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ) to predict psychiatric caseness in Hong Kong. *Child Psychiatry & Human Development*, 45(6), 703-711. doi:10.1007/s10578-014-0439-5
- Lee, A., Hankin, B. L., & Mermelstein, R. J. (2010). Perceived social competence, negative social interactions, and negative cognitive style predict depressive symptoms during adolescence. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 39(5), 603-615. doi:10.1080/15374416.2010.501284

- Levy-Shiff, R. (2001). Psychological adjustment of adoptees in adulthood: Family environment and adoption-related correlates. *International Journal of Behavioral Development*, 25(2), 97-104. doi:10.1080/01650250042000131
- McMahon, C. M., & Solomon, M. (2015). Brief report: Parent-adolescent informant discrepancies of social skill importance and social skill engagement for higher-functioning adolescents with autism spectrum disorder. *Journal of Autism & Developmental Disorders*, 45(10), 3396-3403. doi:10.1007/s10803-015-2494-6
- Neil, E. (2012). Making sense of adoption: Integration and differentiation from the perspective of adopted children in middle childhood. *Children and Youth Services Review*, 34(2), 409-416. doi:10.1016/j.childyouth.2011.11.011
- Palacios, J., Moreno, C., & Román, M. (2013). Social competence in internationally adopted and institutionalized children. *Early Childhood Research Quarterly*, 28(2), 357-365. doi:10.1016/j.ecresq.2012.08.003
- Reinoso, M., & Forns, M. (2010). Stress, coping and personal strengths and difficulties in internationally adopted children in Spain. *Children and Youth Services Review*, 32(12), 1807-1813. doi:10.1016/j.childyouth.2010.08.001
- Rosnati, R., Montiroso, R., & Barni, D. (2008). Behavioral and emotional problems among Italian international adoptees and non-adopted children: Father's and mother's reports. *Journal of Family Psychology*, 22(3), 541-549. doi:10.1037/0893-3200.22.3.541
- Sánchez-Sandoval, Y., & Palacios, J. (2012). Problemas emocionales y comportamentales en niños adoptados y no adoptados. *Clínica y Salud*, 23(3), 221-234. doi:10.5093/cl2012a14
- Sharma, A. R., McGue, M. K., & Benson, P. L. (1996). The emotional and behavioral adjustment of United States adopted adolescents: Age at adoption. *Children and Youth Services Review*, 18(1/2), 101-114. doi:10.1016/0190-7409(95)00056-9
- Sharma, A. R., McGue, M. K., & Benson, P. L. (1998). The psychological adjustment of United States adopted adolescents and their nonadopted siblings. *Child Development*, 69(3), 791-802. doi:10.2307/1132204
- Singer, L., Brodzinsky, D., & Braff, A. (1982). Children's beliefs about adoption: A developmental study. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 3(4), 285-294. doi:10.1016/0193-3973(82)90001-6
- Smith, D., & Brodzinsky, D. M. (1994). Stress and coping in adopted children: A developmental study. *Journal of Clinical Child Psychology*, 23(1), 91-99. doi:10.1207/s15374424jccp2301_11

- Soares, J., Barbosa-Ducharne, M., Lemos, M., & Cruz, O. (2012). Escala de Habilidades Sociais e Problemas de Comportamento – Versão para Crianças (EHSPC-C). Instrumento não publicado. Porto: FPCEUP.
- Stams, G. J., Juffer, F., Rispen, J., & Hoksbergen, R. A. (2000). The development and adjustment of 7-year-old children adopted in infancy. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 41(8), 1025–1037. doi:10.1111/1469-7610.00690
- Stringaris, A., & Goodman, R. (2013). The value of measuring impact alongside symptoms in children and adolescents: A longitudinal assessment in a community sample. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 41(7), 1109-1120. doi:10.1007/s10802-013-9744-x
- Tan, T. X. (2009). School-age adopted Chinese girls' behavioral adjustment, academic performance, and social skills: Longitudinal results. *American Journal of Orthopsychiatry*, 79(2), 244-251. doi:10.1037/a0015682
- Tan, T. X., & Camras, L. A. (2011). Social skills of adopted Chinese girls at home and in school: Parent and teacher ratings. *Children and Youth Services Review*, 33(10), 1813-1821. doi:10.1016/j.chilyouth.2011.05.006
- Tan, T. X., & Jordan-Arthur, B. (2012). Adopted Chinese girls come of age: Feelings about adoption, ethnic identity, academic functioning, and global self-esteem. *Children and Youth Services Review*, 34(8), 1500-1508. doi:10.1016/j.chilyouth.2012.04.001
- van der Vegt, E. J., van der Ende, J., Ferdinand, R. F., Verhulst, F. C., & Tiemeier, H. (2009). Early childhood adversities and trajectories of psychiatric problems in adoptees: Evidence for long lasting effects. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 37(2), 239-249. doi:10.1007/s10802-008-9272-2
- van IJzendoorn, M. H., & Juffer, F. (2006). The Emanuel Miller Memorial Lecture 2006: Adoption as intervention. Meta-analytic evidence for massive catch-up and plasticity in physical, socio-emotional, and cognitive development. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 47(12), 1228–1245. doi:10.1111/j.1469-7610.2006.01675.x
- Wierzbicki, M. (1993). Psychological adjustment of adoptees: A meta-analysis. *Journal of Clinical Child Psychology*, 22(4), 447-454. doi:10.1207/s15374424jccp2204_5

Tabela 1

SDQ: Alphas de Cronbach, Medidas Descritivas, Comparações/Correlações Mãe-Pai e Pontos de Corte para as Pontuações do SDQ

	<i>Alphas de Cronbach (α)</i>			<i>M (DP)</i>		<i>Comparação/Correlação mãe-pai</i>			<i>M (DP)</i>	<i>Pontos de Corte (%)</i>		
	Mãe	Pai	Pais	Mãe	Pai	$t_{(65)}^a$	d	r	Pais	Normal	Limítrofe	Clínico
SE	.67	.66	.67	2.47 (1.93)	2.49 (2.02)	-0.23	-0.01	.68***	2.41 (1.81)	83.3	6.4	10.3
PC	.70	.67	.71	2.68 (2.10)	2.49 (1.96)	1.39	0.09	.75***	2.54 (1.95)	61.5	10.3	28.2
HIP	.81	.82	.83	5.98 (2.74)	5.71 (2.86)	1.08	0.10	.80***	5.82 (2.63)	45.9	5.9	48.2
PRC	.53	.61	.61	1.74 (1.58)	1.92 (1.75)	-0.74	-0.11	.50***	1.77 (1.49)	84.4	6.5	9.1
CP	.67	.64	.69	8.68 (1.56)	8.41 (1.64)	1.11	0.17	.70***	8.58 (1.52)	96.6	1.1	2.3
TD	.85	.84	.86	12.86 (6.31)	12.61 (6.39)	0.49	0.04	.71***	12.54 (6.02)	58.1	22.1	19.8
INT	.66	.72	.72	4.21 (2.79)	4.41 (3.11)	-0.60	-0.07	.60***	4.17 (2.72)			
EXT	.85	.81	.84	8.65 (4.41)	8.20 (4.16)	1.40	0.10	.79***	8.37 (4.07)			
IMP	.85	.74	.79	1.65 (2.07)	1.52 (1.85)	1.76	0.07	.55***	1.52 (1.71)	37.1	21.3	41.6

Notas. SE = Sintomas emocionais; PC = Problemas de comportamento; HIP = Hiperatividade; PRC = Problemas de relacionamento com os colegas; CP = Comportamento prossocial; TD = Total de dificuldades; INT = Internalização; EXT = Externalização; IMP = Impacto. De acordo com Cohen (1988): $d \leq 0.2$, tamanho de efeito pequeno; $d =]0.2, 0.5]$, tamanho de efeito moderado; $d]0.5, 1.0]$, tamanho de efeito elevado; $d > 1.0$, tamanho de efeito muito elevado. A pontuação total varia entre 0 e 10 para cada uma das cinco subescalas; entre 0 e 40 para o total de dificuldades; entre 0 e 20 para o score de internalização e externalização; e entre 0 e 10 para o impacto. A classificação do comportamento em normal, limítrofe e clínico foi feita com base nos pontos de corte propostos por Goodman (1997).

^a À exceção do impacto onde $gl = 62$;

*** $p < .001$.

Tabela 2

Matriz de Correlações entre as Variáveis em Estudo e as Variáveis Sociodemográficas, as Variáveis do Passado da Criança e a Idade e Tempo de Adoção

		Sociodemográficas	Passado				
		IC	FB	AC	NTE	IA	TA
SDQ	SE	-.07	-.08	.10	-.07	-.01	-.02
	PC	-.25*	-.07	.18	.04	.05	-.13
	HIP	-.18	.07	.24*	.06	.18	-.24*
	PRC	-.15	.09	.09	.24*	.11	-.17
	CP	.09	.05	-.02	-.07	.02	.01
	TD	-.22*	.01	.21*	.08	.12	-.20
	INT	-.13	-.00	.12	.08	.06	-.11
	EXT	-.24*	.02	.24*	.06	.14	-.22*
	IMP	-.28**	.12	.10	.07	.14	-.24*
SSIS	HS	-.02	.17	-.08	.19	.07	-.08
Experiência	GA	.02	-.05	-.15	-.15	-.13	.14
	PE	.02	-.08	-.03	-.22*	-.08	.09
	DIF	.18	.17	-.08	-.01	.09	-.03
	F1	-.09	.00	.04	-.01	.02	-.05
	F2	.04	-.02	-.14	-.12	-.09	.11
	F3	-.20*	-.09	.12	.12	.00	-.08

Notas. SE = Sintomas emocionais; PC = Problemas de comportamento; HIP = Hiperatividade; PRC = Problemas de relacionamento com os colegas; CP = Comportamento prossocial; TD = Total de dificuldades; INT = Internalização; EXT = Externalização; IMP = Impacto; HS = Habilidades sociais; GA = Número de ganhos; PE = Número de perdas; DIF = Número de dificuldades; F1 = Sentimentos positivos sobre ser adotado; F2 = Sentimentos positivos relativos a ter sido adotado pelos próprios pais; F3 = Sentimentos negativos relativos ao estatuto de adotado; IC = Idade da criança; FB = Tempo de vivência com a família biológica; AC = Tempo de acolhimento; NTE = Número de transições ecológicas; IA = Idade de adoção; TA = Tempo de adoção.

* $p < .05$. ** $p < .01$.

Tabela 3

Variáveis da Rating-Scale: Correlações e Medidas Descritivas

Itens	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
1. Amado	1											
2. Gosto de ser adotado	.55***	1										
3. Especial	.54***	.44***	1									
4. Sinto-me bem	.58***	.65***	.38***	1								
5. Contente terem adotado	.21*	.16	.10	.24*	1							
6. Pais felizes	.23*	.23*	.11	.24*	.44***	1						
7. Orgulho	.25*	.15	.11	.25*	.31**	.20	1					
8. Dói	-.16	-.23*	-.13	-.29**	-.23*	-.27*	-.04	1				
9. Agradecer	.17	.08	.28*	.06	-.03	.03	.07	.17	1			
10. Gostavam mais se FB	.08	-.04	.03	.13	-.07	-.20	-.09	.20	.12	1		
11. Devolver	.19	.12	.11	.08	-.01	-.09	-.03	.35**	.27*	.16	1	
12. Irritado/zangado	-.35**	-.21*	-.18	-.22*	-.04	-.29*	-.27*	.40***	-.04	.25*	-.01	1
<i>M</i>	4.27	3.73	3.59	4.23	4.79	4.91	4.82	1.61	2.73	2.11	1.17	1.29
<i>DP</i>	1.30	1.52	1.65	1.29	0.70	0.41	0.62	1.25	1.79	1.59	0.68	0.82

Notas. 1. “Ser adotado(a) faz-me sentir amado(a)”; 2. “Gosto de ser adotado(a)”; 3. “Ser adotado(a) faz-me sentir especial”; 4. “Sinto-me bem por ser adotado(a)”; 5. “Estou contente por os meus pais me terem adotado”; 6. “Acho que os meus pais estão felizes por me terem adotado”; 7. “Tenho orgulho por os meus pais me terem adotado”; 8. “Dói saber que sou adotado(a)”; 9. “Os meus pais dizem-me que lhes devo agradecer por me terem adotado”; 10. “Acho que os meus pais gostariam mais de mim se fosse filho biológico”; 11. “Os meus pais dizem-me que me podem devolver, se quiserem”; 12. “Ser adotado(a) deixa-me irritado(a)/zangado(a)”. As correlações entre o item 5, 6, 7, 11 e as restantes variáveis em estudo foram realizadas através do coeficiente *Rho* de Spearman.

* $p < .05$. ** $p < .01$. *** $p < .001$.

Tabela 4

Matriz de Correlações entre as Variáveis em Estudo

		SDQ									SSIS-RS	Experiência					
		SE	PC	HIP	PRC	CP	TD	INT	EXT	IMP	HS	GA	PE	DIF	F1	F2	F3
SDQ	SE	1															
	PC	.40***	1														
	HIP	.32**	.57***	1													
	PRC	.35**	.53***	.42***	1												
	CP	-.04	-.37***	-.17	-.39***	1											
	TD	.66***	.82***	.81***	.71***	-.30**	1										
	INT	.86***	.56***	.44***	.78***	-.24*	.83***	1									
	EXT	.40***	.84***	.91***	.52***	-.29**	.92***	.55***	1								
	IMP	.44***	.61***	.63***	.57***	-.32**	.76***	.61***	.70***	1							
SSIS	HS	-.18	-.24*	-.24*	-.08	.19	-.26*	-.16	-.27*	-.21*	1						
Experiência	GA	.12	.07	.06	.05	.12	.09	.10	.07	.04	.10	1					
	PE	.03	.07	.12	.01	-.12	.08	.03	.11	.05	-.12	.06	1				
	DIF	-.14	-.05	.07	-.15	.07	-.06	-.17	.02	-.03	.15	.20	.16	1			
	F1	-.17	-.06	-.06	-.06	.14	-.11	-.15	-.07	-.15	.25*	.26*	-.18	.00	1		
	F2	-.21*	-.11	-.14	.02	.01	-.14	-.14	-.15	-.21*	.25*	.06	-.00	-.13	.34**	1	
	F3	.03	.02	.09	.04	.01	.06	.04	.07	.11	.07	.17	.03	-.09	.07	-.13	1

Notas. SE = Sintomas emocionais; PC = Problemas de comportamento; HIP = Hiperatividade; PRC = Problemas de relacionamento com os colegas; CP = Comportamento prossocial; TD = Total de dificuldades; INT = Internalização; EXT = Externalização; IMP = Impacto; HS = Habilidades sociais; GA = Número de ganhos; PE = Número de perdas; DIF = Número de dificuldades; F1 = Sentimentos positivos sobre ser adotado; F2 = Sentimentos positivos relativos a ter sido adotado pelos próprios pais; F3 = Sentimentos negativos relativos ao estatuto de adotado. As correlações entre o F2 e as restantes variáveis em estudo foram realizadas através do coeficiente *Rho* de Spearman.

* $p < .05$. ** $p < .01$. *** $p < .001$.

Tabela 5

Regressão Linear Hierárquica: Preditores do Total de Dificuldades da Criança Adotada, Segundo a Perspetiva Parental

Total de dificuldades da criança adotada						
Variáveis	Modelo 1		Modelo 2		Modelo 3	
	β	p	β	p	β	p
Idade da criança	-.19	.084	-.22	.048	-.22	.037
Tempo de adoção	-.16	.142	-.18	.096	-.21	.043
Número de ganhos			-.18	.113	.21	.048
Sentimentos positivos sobre ser adotado			-.19	.083	-.15	.172
Habilidades sociais					-.29	.005
R^2a	.05		.08		.15	
F	3.24*		2.79*		4.07**	

Notas. * $p < .05$. ** $p < .01$.

Tabela 6

Regressão Linear Hierárquica: Preditores do Impacto das Dificuldades da Criança Adotada, Segundo a Perspetiva Parental

Impacto das dificuldades da criança adotada						
Variáveis	Modelo 1		Modelo 2		Modelo 3	
	β	p	β	p	β	p
Idade da criança	-.24	.024	-.28	.010	-.28	.008
Tempo de adoção	-.19	.074	-.21	.054	-.24	.024
Número de ganhos			.13	.222	.16	.121
Sentimentos positivos sobre ser adotado			-.23	.033	-.19	.070
Habilidades sociais					-.26	.012
R^2a	.09		.13		.19	
F	5.32**		4.06**		4.82**	

Notas. ** $p < .01$.